Das flores
às jabuticabas

LUCIANA BARBOSA

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020

miolo-dasfloresas.indd 3 12/12/2020 12:13:30

Outono

miolo-dasfloresas.indd 12 12/12/2020 12:13:31

miolo-dasfloresas.indd 13 12/12/2020 12:13:32

Cidadão do mundo

Simão, desde criança, sempre fora calado. Gostava de ficar, por horas a fio, sentado num galho de uma goiabeira no fundo do quintal. Quando a mãe lhe perguntava o que fazia tanto por lá, mudo e sozinho por tanto tempo, ele respondia, com o olhar distante, que ficava apenas ouvindo o silêncio. Ela meneava a cabeça, achando seu filho um completo estranho.

Quando cresceu, Simão continuou assim, tendo um mundo particular de poucas palavras, poucos amigos e sem nenhuma aventura aparente. Ele era, para todos que o cercavam, uma incógnita.

O que mais chamava atenção era que, mesmo depois de formado em computação, ganhando seu dinheiro e tendo liberdade para fazer o que bem entendesse, continuava morando com sua família e passando preciosas horas no mesmo fundo de quintal e no mesmo galho daquela goiabeira tão envelhecida pelo tempo.

Outra mania de Simão era escrever, mas não pensem que ele usava o seu computador super moderno. Usava uma máquina de escrever, uma Olivetti que seu pai tinha deixado

miolo-dasfloresas.indd 14 12/12/2020 12:13:32

num canto da biblioteca mais como um enfeite, um objeto obsoleto e sem nenhuma utilidade.

O mais impressionante era que ninguém sabia o que possuíam aquelas páginas. Ele nunca permitiu nem que sua mãe pudesse ler ou saber o que os escritos diziam.

Outra particularidade interessante de Simão era ele nunca ter saído de sua cidade natal. Desde criança, quando falavam que iam viajar, ele abria o berreiro. Gritava tanto que faltava enlouquecer seus pais. A avó sempre remediava, dizendo que deixassem o neto para que lhe fizesse companhia.

Ele no auge de seus trinta e dois anos nunca havia ido a lugar algum. Seu mundo e lugar preferido era aquele fundo de quintal.

Até que um dia, sem uma explicação aparente, Simão não acordou mais. Foi embora dessa vida sem alarde e da maneira que ele mais sabia, calado.

A mãe, depois de ouvir as explicações médicas, de enterrar o filho, se trancou no quarto de Simão. Sentada numa cadeira foi passando os olhos devagar pelo ambiente, tentando aliviar a dor que sentia. Até que parou os olhos numa caixa em cima do guarda roupa.

Com a ajuda do marido a retirou de lá e, quando abriu, ela estava cheia de escritos de Simão. Camalhaços e camalhaços de folhas escritas na velha Olivetti.

A mãe abraçou as folhas carinhosamente e durante dias se dedicou a lê-las.

Ali, naquelas páginas, Simão descrevia com uma clareza incrível, lugares que nunca esteve, romances que nunca

miolo-dasfloresas.indd 15 12/12/2020 12:13:32

viveu, comidas que nunca provou. Foi aí que sua mãe entendeu tudo.

Ele nunca quis sair de sua cidade, pois não precisava, ele já possuía o mundo todo dentro de si.

miolo-dasfloresas.indd 16 12/12/2020 12:13:32

O Baú

Cotinha olhou para os lados procurando sabe se lá o quê. Virou a cabeça de um lado para outro e começou a assoviar uma canção de roda que aprendera com a mãe e disparou a rir sozinha, aquele riso maroto de quem está prestes a fazer uma traquinagem. Olhou para o chão e viu uma pedrinha com um formato diferente e a apanhou. Abriu o pequeno baú que trazia nas mãos, limpou a pedrinha na barra do vestido e a colocou lá dentro, junto a outras pequenas bugigangas que ela agora colecionava.

Aquele baú tinha um significado especial para Cotinha. Ali se encontravam seus achados mais preciosos, porque foram vislumbrados com os olhos da alma e, para ela, eram pequenos tesouros. Pedrinhas, anéis de latas de refrigerantes, um pequeno espelho trincado entre tantos outros objetos. Mas o que Cotinha adorava naquele baú era a foto de um moço que ela havia achado entre as fotos de família e surrupiado sem que ninguém visse.

Era uma foto antiga, daquelas que o tempo já amarelou. Apesar de ser em preto e branco, ainda se delineavam os

miolo-dasfloresas.indd 17 12/12/2020 12:13:32

traços bonitos daquele rapaz, e ela às vezes perdia a noção do tempo, admirando aquele rosto por horas a fio, como se ele fosse um antigo conhecido. Era mais que uma imagem, mas ela não conseguia explicar o que se passava dentro do peito. A foto só perdia espaço no seu coração para as pedrinhas de jogar baliza, cada uma escolhida a dedo no quintal para encaixar perfeitamente em sua mão. Era seu jogo solitário preferido. Gostava de ver as pedrinhas sendo lançadas ao ar e a habilidade que tinha para não deixar que elas caíssem.

Cotinha levantou novamente o olhar, dessa vez procurando no quintal aquela goiabeira que vivia abarrotada de frutos. Devia ser hora do almoço, e sua barriga estava fazendo aqueles barulhos engraçados que só as barrigas com fome fazem. Conseguiu ver de longe a árvore e saiu saltitante em direção a ela.

Parou um instante para descansar debaixo de uma mangueira frondosa e apanhou algumas folhas antes de se sentar. Amava o cheiro das coisas e achava que algumas tinham o cheiro trocado. Deus tinha se cansado de inventar cheiros e os usava em mais de uma coisa, dizia.

Um exemplo era o Jatobá. Adorava aquela massa grudenta, mas não suportava o seu cheiro de chulé. Aquilo parecia mais o cheiro de um sapato usado sem meias por dias do que uma fruta inventada por Deus.

Por outro lado, a mangueira tinha o cheiro de manga, o cajueiro, de caju e a erva cidreira, de chá, daqueles de fim de tarde que acompanhavam os famosos bolos de fubá de sua amada mãe.

miolo-dasfloresas.indd 18 12/12/2020 12:13:32

Levantou-se devagar. Ultimamente estava se sentindo cansada e às vezes tinha a impressão que dormia dias a fio. Devia ser anemia ou mais uma maluquice da sua cabecinha de vento que queria fazer tudo ao mesmo tempo.

Pegou seu baú com cuidado e saiu admirando as marias-sem-vergonha que cresciam por todo o quintal. Aquelas florzinhas pareciam nascidas do nada e davam um colorido todo especial ao lugar. Ela, particularmente, amava as vermelhas e vivia enchendo o cabelo com porções delas.

Finalmente chegou à goiabeira e pegou a primeira fruta que sua mão alcançou, mordeu com gosto a goiaba, mas não achou que estava nem macia e muito menos suculenta.

Pôs-se a olhar para cima, tentando identificar, ali de baixo mesmo, uma fruta melhor. Seus olhos cresceram para o alto da copa, e, numa mistura de contentamento e excitação pelo achado, exclamou batendo palminhas:

– Nossa, que bitela!!!

Deu uma analisada rápida no tronco da árvore para descobrir por onde seria mais fácil subir. A goiabeira era antiga, todavia não muito alta, não ia ser tão difícil. Tirou dos pés os chinelinhos e enrolou um pouco o vestido para não enroscar na subida. Colocou as duas mãos num galho e quando levantou a perna ouviu uma voz atrás dela:

– Mãe, por favor! Estou te procurando há horas. Você vai se machucar assim.

Cotinha largou as mãos da árvore e ficou irritada com o comportamento da mãe. Achava que ela estava ficando doente ou fraca da cabeça. Nós últimos tempos ela andava

miolo-dasfloresas.indd 19 12/12/2020 12:13:32

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Utopia Std pela Editora Penalux e impresso em papel off-white 80 g/m², em dezembro de 2020.